

REY
CLi 0336
Sist. 59407

21 de julho de 1949

MEIO DE SEMANA

Parece que, historicamente, está verificada a prioridade de Rimbaud na construção do verso livre. A paciência do pesquisador Desjardins, revelada no seu pequeno tratado do verso clássico e do verso livre, creio que esgota o assunto, dando ao poeta do *Bateau Ivre* a glória perdida de ter sido o primeiro revolucionário do verso, pelo menos nos tempos modernos.

Mas não se pense que lá pelos fins do século passado o tema possuía a mesma tranqüilidade, a mesma fria, definitiva e pacífica significação que lhe emprestamos hoje. Nessa época, pelo menos nos meios literários, havia luta em torno dessa prioridade. Maria Krizinska, escritora de origem eslava, domiciliada na França, dizia-se a primeira a escrever poemas em versos livres, a primeira portanto desse movimento de rebeldia contra a regra geométrica do ritmo fixo, do verso castigado, da forma clássica do poema. Verificada sua pretensão, ninguém pôs em dúvida que essa escritora não havia feito mais que escrever poemas em prosa. Como se vê, reinava a confusão sobre o assunto, que era tão sério nessa época!

Como as ondas do mar o tempo se esvai e reaparece. Pelo menos, parece reaparecer, como as ondas sempre as mesmas. Em literatura, há retornos comovidos, ressurreições alvoroçadas, inesperadas visitas de velhos espectros. Modas que ressurgem do olvido, maneiras de ser ou de fazer que se tornam de novo presentes, assim como as fases da lua e o retorno luminoso e distante dos cometas.

Na atualidade parece que o espírito humano está saturado de experiência e, assim, possibilitou-se a coexistência, numa mesma época, de todos os modos e maneiras de ser da sensibilidade revelada, que é a manifestação

literária. Poemas e versos livres e metrificados circulam paralelamente, e não há nenhuma discussão sobre o assunto. Ao contrário, parece que a tendência, hoje, é de cultivar o verso metrificado como profunda disciplina para o espírito que depois, já senhor de uma técnica suficiente, vai se dar às aventuras de novas construções. Assim como nas artes plásticas, onde é necessário conhecer bem desenho, para depois pintar com a liberdade íntima que aproxima certos pintores da loucura.

Valéry, embora escrevesse poemas em versos livres, tem páginas admiráveis sobre a essência, a verdadeira significação dos rigores na exigência clássica do verso, e faz ressaltar a fecundidade desse rigor que provoca, através do trabalho paciente, a eclosão de uma riqueza oculta. Para Valéry está nessa disciplina a fonte, difícil sem dúvida, mas realmente profunda, da beleza mais duradoura. E nós sabemos como ele conseguiu extrair, desse silencioso e demorado convívio com as camadas mais desdenhosas de seu próprio espírito as imagens, as formas, e as idéias mais altas.

A única ilusão do poeta consistia em acreditar que esse esforço fosse uma colheita voluntária, para a qual as pálidas mãos do anjo em nada pudessem concorrer...